

HOTEL ALTIS



Muita da história recente de Portugal aconteceu entre as quatro paredes do Altis. O hotel que serve de quartel-general do PS em noites de eleições, e de onde partiu Sá Carneiro para a fatídica viagem, também dá guarida ao Futebol Clube do Porto em Lisboa. São 45 anos que começaram com um pesadelo

Os retornados das ex-colônias foram os primeiros inquilinos do hotel, durante a "Véspera Quente". Tiveram de ser expulsos à força, deixando estragos pelo caminho

QUEREMOS TRABALHAR
TEMOS DIREITO!!
QUEREMOS COMIDA QUEREMOS HABITACÃO

Um hotel com vista para o país





HISTÓRICO O escritor Alçada Baptista e Mário Soares no dia do apoio à sua candidatura à Presidência da República, no Hotel Altis, em Lisboa



TEXTO
CATARINA NUNES

S

às 9h30 da manhã e no **Altis Grand Hotel** o dia acontece num ciclo contínuo, alheio ao despertar e adormecer dos hóspedes e da cidade. Sem início nem fim, com a circulação sucessiva de protagonistas. É assim no hotel de cinco-estrelas onde, há 45 anos, se faz história com acontecimentos que marcam a construção política e social do país. Do antes ao pós-25 de Abril, à formação da Aliança Democrática e do Bloco de Esquerda, passando pela morte de Sá Carneiro e a ascensão da 'Razão e Coração' de António Guterres.

No quartel-general do PS em noites de eleições, e guarda do Futebol Clube do Porto em Lisboa, engendram-se tomadas de poder e a formação de partidos. Circulam celebridades internacionais, como Charles Aznavour e Julio Iglesias, Marisa Paredes e Gal Costa, às quais se somam figuras nacionais como Amália Rodrigues, Joaquim de Almeida e Siza Vieira. Mas são desconhecidos que, nos bastidores, garantem a continuidade da história e das histórias, enquanto constroem o seu próprio destino.

O senhor Henriques, rececionista, e o senhor Fernando, chefe-pasteleiro, aqui não precisam de segundos nomes para serem reconhecidos, tal como as celebridades e os políticos que estão habituados a servir e a ver passar. João Henriques diz com orgulho que chegou ao número 11 da Rua Castilho no dia 28 de outubro de 1973 para abrir o hotel no mês seguinte. Ainda no rescaldo de um incêndio no verão, que atrasa a abertura, e com o Altis a funcionar a meio-gas com obras nos últimos andaimes e acabamentos no interior.

A inauguração oficial acaba por ser adiada para o ano seguinte. Pelo meio rebenta o 25 de Abril e os danos colaterais da revolução quase forçam o encerramento do hotel por falta de clientela. Vale-lhe a entrada dos retornados das ex-colónias em processos de independência, que até 1976 significam cerca de meio milhão de pessoas que se espalham por vários hotéis da cidade. O Altis faz parte do grupo que através do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN) ganha hóspedes para os quartos prontos a entrar. Uma tábua de salvação circunstancial que vem a trazer problemas, como outras peripécias que aqui se passam ao longo dos anos. Mas já lá vamos.

Fernando Freitas chega cinco anos depois de João Henriques, em plena roda-viva de Governos sucessivos e o FMI a entrar em Portugal pela primeira vez. Tem 18 anos e o antigo 9º ano completo, estudos que lhe permitem brilhar junto do chefe de pastelaria (que não sabe ler nem escrever), a tratar das requisições do que é necessário na cozinha. Entra vindo de outro hotel, onde já se ajeitava com os bolos e os doces, sem nunca pensar em ser pasteleiro. Cumpre o destino de agarrar em Lisboa o trabalho que agarece para quem vem da província, como o parceiro que começa como moço de recados, até chegar a rececionista.

A hotelaria é o trabalho mais aliciante porque garante que não se passa fome, coisa que nesta época é a preocupação de quem vem das aldeias, sem recursos nem família na capital. Hoje, estes dois dos mais antigos funcionários do Altis olham para trás sem chorar no início do caminho, que se faz com trabalho duro, pobreza material e de afetos familiares. Tem filhos criados e não trocam nem a porta nem a cozinha do Altis por nada. Lealdade ao patrão que sempre lhes dá a mão, mesmo quando isso não é solicitado.

O pasteleiro vê o ordenado duplicado (de 5 mil escudos, C25, hoje — para 10 mil escudos, cerca de C50) quando se prepara para sair para outro hotel. Noutra época, quando tem um problema nos olhos, é conduzido até Coimbra por um motorista para ser visto pelo mesmo oftalmologista do fundador do Altis. Com as despesas médicas pagas e ordem para não se apresentar ao serviço até estar recuperado.

Favores que não se esquecem, como os que alimentam igualmente a fidelidade do rececionista. É o patrão quem o preserva no posto de trabalho quando um diretor o quer mudar de turno (como retribuição de uma desavença); apresenta-o aos clientes como "filho"; e trata de lhe contratar a mulher quando percebe que ela tem um trabalho precário, que lhe ocupa apenas quatro horas por dia. O lado humanista do empresário Fernando Martins, que é o reverso de uma faceta implacável e explosiva, que se revela noutras situações e com outros funcionários.

DA CONSTRUÇÃO CIVIL À HOTELARIA

O Altis nasce de uma intuição visionária de um empresário da construção civil, que no início dos anos 70 decide diversificar o negócio para a hotelaria,

Francisco Sá Carneiro era figura habitual nas salas de reuniões do Altis. É de lá que parte para o voo que lhe vem a pôr termo à vida, a 4 de dezembro de 1980

quando as circunstâncias não apontam nessa direção: o turismo em Lisboa é inexistente e não há contexto para crescer, com uma ditadura instalada. É a primeira pedra de Fernando Martins no grupo hoteleiro de luxo, que atualmente totaliza seis unidades e se prepara para duas novas aberturas, uma no Porto e outra na Madeira.

João Henriques e Fernando Freitas têm um passado comum e, no presente, cruzam-se ao ritmo de uma pequena cidade que nunca dorme. O que significa conciliar as agendas do pasteleiro que entra ao serviço às 5h30, quando o rececionista dá por encerrado o turno da noite, às 7h30. Religiosamente. Sentados na mezanina do hotel, onde crescem juntos e veem desfilar há mais de 40 décadas figuras distintas. Complementam-se na reconstrução da sua história e das histórias do hotel, que consideram a segunda casa.

Levam o século tão a sério que é praticamente impossível arrancar-lhes grandes revelações sobre hóspedes, clientes de passagem ou reuniões secretas de políticos, que marcam o pós-25 de Abril. Recordam a onda de retornados das ex-colónias em África que enchem os quartos e salas de refeições, as noites de eleições com a entrada do hotel transformado num estaleiro de estações de televisão e as grandes figuras do Partido Socialista que por ali definem estratégias. Ambos benfiquistas, ficam de medidas cheias quando o seu clube se instala aqui em estígio e podem acompanhar a equipa no autocarro que a leva até ao estádio.

O senhor Henriques, o guardião da noite, solta o episódio em que, uma vez, está durante mais de meia hora a dizer a um hóspede que não pode subir com uma pessoa de fora, apesar das notas que vão sendo colocadas no balcão para que ele "feche os olhos" à situação. A recusa mantém-se, com o rececionista a alertá-lo para o facto de estar acompanhado por um travesti, coisa que o cliente diz desconhecer. Noutra memória, viaja até à madrugada em que explica a uma mulher que não pode sair com a televisão do

quarto nas mãos, que ela garante ser uma "oferta" de um hóspede que acaba de visitar num dos quartos.

Na cozinha, as lembranças são mais prosaicas. O senhor Fernando revela com orgulho um bolo saído das suas mãos (uma reprodução dos 11 andares do hotel), para assinalar os 25 anos do Altis. Ou os que faz para celebrar o aniversário de Fernando Martins, em conjunto com Eusébio e Ramalho Eanes, ambos amigos do fundador do Altis. Três aquarianos nascidos a 25 de janeiro, que ao longo de décadas se reúnem várias vezes à mesa no Gelli D. Fernando, restaurante no último andar.

A ÚLTIMA MORADA DE SÁ CARNEIRO

Na memória coletiva dos portugueses está a morte de Francisco Sá Carneiro, figura habitual nas salas de reuniões do Altis e de onde parte para o avião que lhe vem a pôr termo à vida, a 4 de dezembro de 1980. Prepara-se para voar até ao Porto, onde vai fazer um comício, mas antes decide convocar uma conferência de imprensa em Lisboa. A localização? A sala Avorada do hotel que no pós-25 de Abril serve de sede às principais agências noticiosas internacionais e acolhe as delegações dos movimentos de libertação das ex-colónias.

Nesta época, Maria Júlia Martins Valente-Rodrigues, filha mais velha de Fernando Martins, já anda pelo número 11 da Rua Castilho, não como "filha do patrão de vóta", mas a trabalhar. Faz o inventário do que está acumulado nos armazéns. As loças e roupas de casa desorganizadas juntam-se os pertences deixados para trás por retornados, que durante mais de um ano pernoitam no hotel ao abrigo do acordo com o IARN.

É este organismo do Estado português, criado em março de 1975, que suporta o alojamento em regime de pensão completa de quem chega no rescaldo da independência nas colónias africanas. A escolha do Altis, quer por retornados como por aqueles que querem dominar a nova era política, deve-se ao acaso de o hotel ser novo, sem clientes e com espaço disponível, além de ter um desejado afastamento do antigo regime. A presença de retornados no Altis deixa lustro e termina com a sua expulsão, com o recurso à polícia.

"Foram tempos difíceis porque os retornados começaram a encher os hotéis e o nosso tinha acabado de abrir, estava vazio e eles não tinham para onde ir. Num quarto para um casal ficavam sete ou oito pessoas. Tivemos de criar uma sala lá em baixo só para servir as refeições. Deixaram muita coisa estragada e tiveram de ser tirados daqui à força", recorda Maria Júlia Martins Valente-Rodrigues, que assume atualmente a liderança do Grupo Altis Hotels lado a lado com o único irmão, Raul Martins. Com a matriarca do clã trabalham igualmente as três filhas (Inês, Joana e Catarina), mais o sobrinho Diogo, o único filho do irmão.

A entrada de Maria Nélia na gestão do hotel, há mais de 40 anos, precisa que os astros se alinhem até se concretizar. Está afastada dos preparativos e da construção do hotel, enquanto cuida das três filhas, e assume o trabalho por insistência da mãe. Leonilde acha que a filha pode ser uma mais-valia no funcionamento do hotel, onde o filho mais novo, Raul Martins, não é tão presente por acompanhar o pai no negócio da construção civil.

Fernando Martins não está para aí muito virado, até porque preferia que a filha tivesse terminado o curso de Farmácia, que Maria Júlia odeia e larga sem o concluir. "Ele acabou por concordar, e

passados uns tempos compridos que tinha sido muito útil porque havia situações dentro do hotel, que ninguém sabia nem se apercebia, por exemplo que passavam ao lado”, recorda a filha do empresário e presidente do Sport Lisboa e Benfica, entre 1981 e 1997, falecido em 2013.

É nesta época lá (por causa do futebol) que os pais de Maria Júlia optam por deixar o apartamento junto ao Instituto Superior Técnico para virem morar no Altis, de onde nunca mais saíram (aos 97 anos, a mãe ainda vive numa das suítes). A proximidade do Benfica veio a Fernando Martins ameaçar de morte.

“Quando tinha reuniões no Benfica chegava a casa às duas da manhã. Uma vez, quando foi pôr o carro na garagem, estavam dois fulanos à espera dele. Lutou com eles, mas a partir daí decidiu que não queria comer estes riscos e mudou-se com a minha mãe para aqui. Começou a andar com um segurança, que ficava sentado à porta do gabinete. Ele não suportava isso, mas teve de ser”, conta Maria Júlia.

A ligação ao futebol não define o percurso de vida de Fernando Martins apenas por maus motivos. Se no interior do clube que dirige sofre oposição, no meio desportivo é agregador de consensos, aparentemente, impossíveis. Por isso é que é no Altis que o Futebol Clube do Porto se instala quando vem jogar a Lisboa, convertendo a entrada do hotel em vedeta televisiva, nos momentos de chegada e partida dos jogadores. “Quando foi presidente do Benfica, lá a Zurique com os presidentes dos clubes todos, para os sorteios das Taças. Os portugueses estavam zangados entre eles: o Pinto da Costa e o João Rocha não se falavam e o meu pai falava com todos. Uma vez, na véspera de um sorteio, conseguiu fazer um jantar e pô-los a falar uns com os outros. Ele estimulava muito a amizade”, garante a filha de Fernando Martins.

Para lá (e acima) das preferências benfiquistas e socialistas, o Altis mantém sempre a porta aberta a quem vem cá bater. Mesmo que sejam visitantes indesejados, como aquele que em pleno “Verão Quente” de 1975 entra para deixar uma bomba. “Quando os retornados saíram tivemos de dar uma volta aos sofás todos, que estavam em mau estado. O estofador andava a ver os que precisavam de ser arranjados, quando chegou a um canto e ouviu um tique-taque debaixo de um sofá, onde estava uma mala”, revela Maria Júlia Martins Valente-Rodrigues.

O pior não acontece porque a dita mala aterra a tempo (e explode) em cima de um monte de areia das obras de um prédio em frente ao Altis. É uma bomba incendiária, como tantas outras a rebentar no período ‘gonçalvista’, durante o qual o primeiro-ministro da época (Vasco Gonçalves) passa a nomear um verão conturbado da história portuguesa. As nacionalizações, a oposição entre o Movimento das Forças Armadas (MFA) e os partidos políticos, a reforma agrária, as ocupações e os saneamentos são alguns dos acontecimentos que marcam um Governo, que acaba por cair em setembro do mesmo ano em que sobe ao poder, em agosto.

Explodem também ‘bombas’ internas. João Henriques e Fernando Freitas (o reconcionista e pasteleiro do início deste texto) recordam as reuniões sindicais e as greves na hotelaria, mas garantem que não têm argumentos para alinhar nisso, por serem bem tratados pelos patrões. Mas nem todos têm a mesma opinião entre os trabalhadores do hotel, que também vive o seu ‘Verão Quente’, rapidamente arrefecido pela mão de ferro de Fernando Martins que, neste caso, é menos conciliadora do que no futebol.

“Tivemos uma fase em que os empregados faziam muitos plênários e a comissão de trabalhadores queria ficar com o hotel. Num desses plênários decidiu-se que eu e o meu irmão tínhamos de pagar tudo o que comíssemos. Ao voltar ao país — diziam eles — não devíamos comer e dormir à barba. Havia um dia que o meu pai estava a almoçar no Grill com o meu irmão e um convidado e aparece o chefe, que era comunista, com uma bandeja com um papel para o meu irmão. Das muitas grandes explicações sobre o que a comissão de trabalhadores tinha decidido”, relata a administradora do Grupo Altis Hotels.

Nesse momento, o homem conciliador que faz as pazes à mesa entre presidentes de clubes desativados e que cuida dos problemas pessoais dos funcionários, dá lugar à personalidade explosiva que se manifesta, não tão raras vezes. Fernando Martins atira a bandeja ao ar, dá dois murros na mesa e o resto é previsível. “Foi para o gabinete e a seguir emite um comunicado a dizer que as ordens da administração só podem ser contrariadas pela administração.”

Assim acabam os plênários no número 11 da Castilho. “Queriam ficar com o hotel sem terem contribuído para nada e nós só tínhamos dívidas. Porque ninguém constrói um hotel com dinheiro próprio. Nunca neste hotel, ou em nenhum dos nossos outros hotéis, alguém recebeu o ordenado depois do fim do mês”, justifica, recordando a época em que se tentava edificar o socialismo no país. Apesar de não alinhar, em causa própria, com o espírito da época, o Altis é, ao longo dos 45 anos de história, cenário de conspirações, frente a frente polémicos, golpes palacianos e tomadas de poder, mais ou menos legítimos, à esquerda e à direita.

Se as paredes falassem, muito teriam a dizer sobre as reuniões secretas entre António Spínola (primeiro Presidente da República após o 25 de Abril) e Francisco da Costa Gomes, onde discutiam o golpe para pôr fim à ditadura. Mais públicos são, nessa altura, o debate entre Mário Soares e Álvaro Cunhal, em 1974, transmitido a partir do Altis para a televisão francesa ORTF, e as comemorações das vitórias socialistas e a de Ramalho Eanes, nas primeiras eleições democráticas, em 1976. Os movimentos de libertação das ex-colónias, os preparativos para a Conferência de Alvor, que em 1975 determina a passagem de poderes para Angola, e a formação do quartel-general do PS durante as eleições para a Assembleia Constituinte (um ano depois da revolução) são outros dos acontecimentos que marcam a vida do Altis e do país.

O pasteleiro senhor Fernando tem 14 anos quando se dá o 25 de Abril. Não sabe o que é o comunismo. Ouve dizer que isso é o diabo e que Henrique Galvão (dissidente do regime salazarista que ocupa o paquete Santa Maria) é um homem mau. Define a Revolução dos Cravos como estar a viver num quarto escuro onde alguém chega e abre uma janela. O reconcionista senhor Henriques vive esta época sem se interessar por política. É um assunto que não é falado porque desconhece o que se passa, à semelhança da esmagadora maioria da população. Recorda-se de ser informado de que não pode sair do hotel, porque há uma revolução em curso, e de perguntar: “E agora, para onde vamos?” Os anos seguintes trazem-lhe a resposta.

Com o esmorecer dos ímpetus revolucionários de esquerda, o final da década de 70 prepara uma viagem à direita. Muda a direção, mas mantém-se o hotel onde se traça o futuro político. Depois de sair do PSD, em 1977, Sá Carneiro desenha, a partir do



PAULO SOARES/REUTERS



FÁBIO TAVARES



MOMENTOS António Costa nas legislativas de 2015, após perder as eleições mas já com a 'geringonça' na cabeça. Apoiantes da AD (Aliança Democrática) manifestam-se no Hotel Altis, com a presença de Freitas do Amaral, demonstrando o apoio à candidatura do general Soares Carneiro à Presidência da República (Lisboa, 6 de outubro de 1980). Em 2005 dá-se o regresso fulgurante ao Altis, com José Sócrates a comemorar a primeira maioria absoluta e o maior resultado na história dos socialistas. Maria Júlia Valente-Rodrigues, filha do fundador do Altis e administradora do grupo, Fernando Freitas, chefe pasteleiro, e João Henriques, rececionista da noite, são os funcionários mais antigos



Altis, a Aliança Democrática (AD) que lhe trará as vitórias de 1979 e 1980. "Fala-se muito no PS aqui no hotel, mas os outros partidos também vieram sempre para cá, o Partido Comunista e até o Bloco de Esquerda. Não nos podemos fechar a um espectro político. Quando se tem uma loja, não se fecha a porta a alguém que é baixo ou alto. Isto é um negócio para todos e tratamos todos de forma igual", argumenta Maria Júlia Martins Valente-Rodrigues.

A abertura ideológica acompanha a rotatividade na política, que depois de uma década à direita engendra um novo rumo. O hotel de luxo, que nos anos 70 e 80 começa por ser o destino de quem traz arêjo revolucionário ao meio da atmosfera política da época, acaba por passar a tradição nas décadas seguintes. Em 1991, quando Jorge Sampaio é derrotado por Cavaco Silva (com maioria absoluta) nas eleições legislativas a 6 de outubro, é no Altis que António Guterres se declara em estado de choque com o resultado e prepara a ascensão à liderança do PS, que se concretiza em 1992.

O regresso em grande dos socialistas ao hotel da Rua Castilho dá-se em 1995 e marca a guinada à esquerda do país, depois de 10 anos consecutivos de cavacismo. A vitória da "Razão e Coração", slogan da campanha de Guterres criado pelo publicitário brasileiro Edison Athayde, é, porém, com maioria relativa. Na ida às urnas em outubro desse ano, a cúpula do PS ocupa o 13º andar do Altis, enquanto os restantes dirigentes e apoiantes se concentram no 12º andar. A enfiada coletiva faz tremer e testa a resistência da estrutura do hotel, na noite em que o Altis passa a ser sinónimo de vitória para o partido. Quatro anos depois, em 1999, a história repete-se com a festa de comemoração do segundo mandato de António Guterres.

Nem o senhor Henriques nem o senhor Fernando diferenciam a atenção em função da notoriedade ou estatuto dos hóspedes e visitantes. O rececionista, naturalmente, vê-os entrar a todos, mas está mais interessado na forma como andam do que em caras e nomes. Diz que é como reconhece quem vem trazer problemas, aquilo que lhe importa. Quem entra com esse objetivo não anda à vontade. Uma teoria que comprova mais do que uma vez, como aquela em que segue até à segunda cave do hotel um assistente que se prepara para roubar o economato, desconhecendo o instinto do senhor Henriques e as câmaras de filmar, estrategicamente colocadas.

O pasteleiro diz que a 'malta' das eleições não vem para aqui comer. Sabe quem está hospedado, porque tem acesso às folhas de serviço, mas interessa-se apenas por confeccionar as melhores iguarias possíveis, seja para quem for. Isso não invalida o orgulho nos bolos de aniversário para o patêlo mais os dois aquartianos, bem como nos bolos de nascimentos e batizados dos descendentes da família Martins. Revelações 'da casa' que não comprometem os princípios de 'cego, surdo e mudo' que caracterizam quem trabalha em hotelaria.

Menos sigiloso é o período de queda a pique que o PS vive a partir de 2001, com a derrota nas eleições autárquicas, com o partido já fragilizado com a demissão de Jorge Coelho (na época o ministro do Equipamento Social), na sequência de outra queda: a da ponte de Entre-os-Rios. João Soares perde a presidência da Câmara de Lisboa para Santana Lopes, com o PS a ficar para trás noutras autarquias importantes, como Porto e Sintra, entre outras. Perante a dimensão da derrobada, António Guterres demite-se do Governo e abandona o PS.

Em 2005 dá-se o regresso fulgurante ao Altis, com José Sócrates a comemorar a primeira maioria absoluta e o maior resultado na história dos socialistas. Nos anos sucessivos, o "domínio rosa" vai-se esbatendo, com Mário Soares a falhar as eleições presidenciais em 2006 e os escândalos que abalam o partido, que culminam com a perda da maioria absoluta em 2009, apesar da vitória de Sócrates. É na morada de sempre (o Altis), e com a exaltação habitual, que o PS anuncia ao país o resultado. Com José Sócrates a branquear a realidade, ao declarar que o partido obtém uma "extraordinária vitória eleitoral".

Dois anos depois, em 2011, a realidade revela-se claramente, e Sócrates perde para Passos Coelho, conduzindo o Governo para uma nova mudança de cor. Na noite de 5 de junho de 2011, a eminência do fracasso socialista deixa o Altis ao barrete. Sócrates sai do elevador e dirige-se à sala onde se vai pronunciar sobre a humilhação. Desce com a comitiva que o acompanha e é recebido por uma enxurrada de jornalistas. O emaranhado de cabos e a disputa entre câmaras de televisão são tão intensos que acaba por se partir uma porta envidraçada, ferindo a equipa da TVI: o repórter de imagem e a jornalista Beatriz Ilion. Estilhaça-se o vidro e a "era Sócrates".

Proseguem os anos "luzanja", o Altis muda de nome para **Altis Grand Hotel**, em 2013, e um ano depois, em maio de 2014, os socialistas voltam com uma vitória a meio gás nas eleições europeias. António José Seguro "doura a pilula" anunciando, perante uma audiência longe das enchentes do passado, que o PS teve uma "grande vitória". O entusiasmo é tão tímido que é preciso colocar à prensa pessoas que disfarçam os lugares vazios na sala.

Longe do Altis, fica o câmbre a declaração de António Costa, em resposta à de Seguro, a pedir reflexo para garantir que a vitória não volte a saber a pouco.

"O meu pai dizia-me sempre: 'tu nunca te esqueças de que nós somos os dois fortes da família e temos de puxar pelos outros'", diz a gestora do Altis Hotels e filha do fundador

Um equivalente ao "estou em estado de choque" de Guterres, em 1991, quando os socialistas nem chegam aos 30 por cento nas legislativas. António Costa começa a escalada ao poder. Vence António José Seguro nas eleições internas do partido, assumindo a liderança do PS em 2014.

Na noite das legislativas no ano seguinte, a 4 de outubro de 2015, é a partir do Altis que o derrotado António Costa se dirige ao país, já com a cabeça na ideia de formar um Governo de coligação com os partidos de esquerda, que juntos têm a maioria dos assentos no Parlamento. Depois de alinhar o discurso no 13º andar do hotel, desce e surge com um sorriso perante uma audiência acalorada, com Ferro Rodrigues, Carlos César e Manuel Alegre na primeira fila.

Sobe ao palanque, assume a derrota e anuncia "manifestamente, não me vou demitir", mostrando-se disponível para criar uma alternativa de Governo com os partidos à esquerda do PS. A coligação de direita Portugal à Frente é a vencedora da noite (com maioria relativa), mas os acontecimentos das semanas seguintes vêm dar uma reviravolta neste resultado. Inabilitado na Assembleia da República, com os votos contra do PS e dos restantes partidos de esquerda, o segundo (e curto) Governo de Passos Coelho cai a 10 de novembro.

A disponibilidade de António Costa para formar Governo, anunciada na noite em que perde para a aliança de Passos Coelho, torna-se realidade com a composição da primeira coligação de esquerda, desde que a Constituição de 1976 vigora. Perante a estupefação da direita (e do país), assim se forma o novo executivo PS, PCP e BE, que mais tarde passa a ser referenciado como 'geringonça'. Dois anos depois, nas autárquicas de 2017, os socialistas estão de volta ao 'hotel-talismã' com Fernando Medina a discursar vitória com 'expectativa e desejo' e desejo de maioria, que acaba por não acontecer. Se as sondagens conhecidas, até à hora de fecho desta edição do Expresso, se cumprirem Costa e os socialistas irão a rentrar no hotel de luxo no número 11 da Castilho, com uma maioria longe de absoluta, que se prevê para as legislativas de 6 de outubro deste ano.

No Altis, a pequena cidade que nunca dorme, os pastelistas do costume continuam por aqui. O senhor Henriques (60 anos) e o senhor Fernando (58 anos) já têm, respetivamente, 46 e 41 anos de descontos para a Segurança Social, mas não têm idade para pedirem a reforma sem penalizações. Nem estão para aí virados, pelo menos para já. O pasteleiro sonha em voltar à terra, a Vizca de Merage (Seia), mas não agora. Para o rececionista é difícil deixar de vir todos os dias para a sua segunda casa. Não gosta de estar parado, nem se imagina a passar os dias sentado no sofá de casa.

Parar também não passa pela cabeça de Maria Júlia Martins Valente-Rodrigues. Assume o legado paterno de assegurar a continuidade. "O meu pai dizia-me sempre: 'tu nunca te esqueças de que nós somos os dois fortes da família e temos de puxar pelos outros'", revela a administradora do Grupo **Altis Hotels**. Na Rua Castilho, afinal, a história do poder não é só feita por homens, da esquerda à direita, no Benfica ou no Porto. Faz-se também no feminino, delegado por um homem à frente do tempo, na hotelaria e no rumo inevitável da organização social, que se exige cada vez mais em igualdade de género. ●